

## URUGUAI NA VANGUARDA

MARIANA GONZÁLEZ GUYER

O começo do século XXI no Uruguai de alguma forma marcou ponto em muitos aspectos relacionados com os direitos humanos, principalmente porque um número significativo de leis é promulgado e em alguns casos são muito inovadoras e de vanguarda, em outros casos, saldamos dívidas antigas. Saldamos dívidas, e eu estou pensando, por exemplo, do reconhecimento das trabalhadoras domésticas como trabalho, com leis, obrigação fiscal, controle para que seja cumprido, oito horas de trabalho rural, temos o reconhecimento de diferentes direitos dos trabalhadores que são muito importantes. Há outro conjunto de leis que fazem o que poderia ser as novas agendas de direito e capaz que há três que são particularmente significativas: uma é a lei da interrupção voluntária da gravidez, a outra é a regulamentação da cannabis e um terceiro que é a lei de casamento igualitário. Vale a pena perguntar por que ou como esse fenômeno ocorre no Uruguai.

ALDO MARCHESI

Muitos analistas políticos diriam que a democracia no Uruguai já está consolidada e que essa é uma nova agenda de assuntos. No entanto, você pode ver, pode confirmar, que vários desses assuntos que hoje estão se discutindo como o aborto, o matrimônio igualitário, a legalização da maconha, estavam sendo discutido desde a transição nos 80, são assuntos que aparecem pela primeira vez na discussão pública nos anos 80. E são trazidos de volta através de alguns movimentos sociais que conseguiram colocá-los, instalá-los nas agendas políticas e gerar algum tipo de conexão entre os outros direitos humanos e estes direitos humanos. Há uma série de assuntos que emergem hoje e que têm a ver com novos processos, mas que têm uma base em certa cultura política do século XX uruguaio, particularmente com um fato que eu acho que é fundamental tem a ver com a relação entre a Igreja Católica e o governo uruguaio e a sociedade em geral, ou seja, quer dizer a Igreja Católica no Uruguai é muito fraca e fraqueza tem a ver creio eu, principalmente com o estado Batllista, com um forte componente secular e quase anticlerical de Batlle, na primeira metade do século. Não nos esqueçamos de que no Uruguai, por exemplo, a Semana Santa, se chama Semana de Turismo.

JOSÉ MUJICA

Amigos todos, eu venho do Sul, esquina do Atlântico e o Plata, meu país. Teve décadas roxas até que finalmente no início do século XX começou a ser vanguarda social, no Governo, no ensino, eu diria que a social democracia se inventou no Uruguai.

ERNESTO MUNIZ

Todo começou um dia, de repente o Uruguai apareceu, aconteceu, o Uruguai é um milagre, é um milagre da existência, não deveria existir de fato, é a realidade. Nasceu como a separação entre o Reino de Portugal e da Espanha, então é como um não lugar, um lugar que é o que não tem que ser, que está feito para separar coisas, países, economias políticas, eu acho que essa é a condição inicial da identidade nacional. O uruguaio, quando começa a ter conceito de nação, que pode ser de 1850 para frente, mas pensemos como uma nação moderna, inícios do século passado com algumas decisões políticas, as pessoas começam a sentir como natural o que para o mundo exterior parece uma coisa assombrosa. São muitas gerações de pessoas vivendo isso de maneira natural, então parece que há algo no inconsciente coletivo que tem a ver com..., é o que acontece normalmente, desde o princípio, desde a separação do Governo e a Igreja, desde a possibilidade do divórcio, desde muitas leis em defesa do trabalhador.

PREGADOR

Vamos senhores que vivo disto, vamos que vim para vender. Estou magrinho, senhores, quero comer.

ENTREVISTADORA

E você há quanto tempo que trabalha aqui?

VENDEDOR

Um ano. Eu já havia trabalhado antes.

ALDO MARCHESI

No Uruguai há outros assuntos dessas novas agendas que ainda têm algum atraso, um exemplo claro é a questão racial. O Uruguai precisa muito discutir as questões raciais. É um país que se viu durante o século XX como um país muito branco, europeu, e isso só serviu para invisibilizar, para não enxergar os conflitos raciais que existem. O racismo funciona reconhecendo o lugar dessa população na cultura, mas não reconhece o lugar dessa população em outros aspectos da vida do país. Acho que um dos problemas do racismo no Uruguai é esse *os negros para o candombe, mas não os negros para a política*.

SERGIO ORTUÑO

A cultura negra no Uruguai, exatamente por estar associada exclusivamente ao tambor tem perdido muito conteúdo cultural, porque querem centralizar uma quantidade de aportes e aspectos culturais no relacionado com a comparsa do candombe, algo reminescente que tem a ver com a história dos escravos que vieram trazidos pelos escravistas e toda essa história horrível, inumana, da qual muitas vezes quer-se cobrir ou falar pouco, como se fosse coisa do passado.

ALDO MARCHESI

Junto a todas estas discussões, o assunto da raça apareceu em finais desta última década, ainda com uma força menor que os outros assuntos.

PALESTRANTE EM ATO

Bom dia companheiros e companheiras. Bem-vindos a uma nova celebração deste ato do dia dos trabalhadores, aqui na Praça Mártires de Chicago.

ALDO MARCHESI

Tudo isso está moldando um país que tem uma visão muito avançada em termos sociais, particularmente em relação a certos direitos sociais, de gênero, culturais, que claramente estavam em dissonância, em conflito com a Igreja Católica.

MARIANA GONZÁLEZ GUYER

De alguma forma, eu acho que toda essa história do Uruguai, no início do século XX que nos valeu uma classificação de "Uruguai como a Suíça da América" em muitas coisas foi um peso morto, em muitas coisas foi um orgulho porque na década de '50 - '60 deixamos de ser a Suíça da América, veio o golpe que tinha uma profundidade particular, o golpe, a ditadura e o autoritarismo no Uruguai não foi uma repressão aos certos sectores, mas foi uma repressão e uma sensação de vigilância envolvendo toda a sociedade e a saída da ditadura tem suas particularidades também no Uruguai. A saída da ditadura no Uruguai e o retorno da democracia, muitos autores falam de restauração, retornam os mesmos

atores em cena, retornam os mesmos políticos, voltam as mesmas organizações sociais e até mesmo voltam os mesmos líderes das organizações sociais.

MARGARITA PERCOVICH

No Uruguai, as mulheres organizadas reivindicam, por exemplo, o voto, as sufragistas de princípios do século XX de setores educados, as trabalhadoras reivindicavam tinham principalmente uma raiz anarquista; e tinham reivindicações sobre a forma do trato entre a própria classe. No entanto, estas reivindicações sumiram depois, a partir dos anos 40 e 50, onde o Uruguai virou um pouco como os EUA: *a dona de casa para casa*, e voltaram às imposições tradicionais para as mulheres e pararam os movimentos organizados de mulheres. Uma acadêmica brasileira, Suzana Prates, fundou no Uruguai um grupo de estudo sobre o que era chamado no momento “a condição da mulher”.

Esse pequeno grupo foi conduzido por Suzana Prates e as acadêmicas uruguaias, era um grupo pequeno e no final da ditadura, quando as mulheres se organizaram um pouco as mulheres de todos os partidos políticos junto com as mulheres dos movimentos de trabalhadoras para retomar os processos de reivindicações, de regulamentação para institucionalizar os partidos políticos e movimentos sociais. Nesse momento havia um debate muito importante no Uruguai, sobre os compromissos dos partidos políticos e quais eram seus programas, sem importar qual deles ganhasse a primeira eleição após ditadura. As mulheres pediram um espaço nesse debate que foi chamado de “junção programática de todos os partidos políticos” para incluir suas reclamações. Fizemos o nosso próprio diagnóstico da situação do país de acordo com os problemas que o Uruguai após ditadura deveria enfrentar. Isto foi em 1984. Ali começa o movimento de mulheres no Uruguai a trabalhar e aprofundar naquele primeiro diagnóstico que havíamos feito. Obviamente começam a se perceber políticas públicas quando vence a esquerda pela primeira vez, em 1990. Quando vence o Partido Frente Amplio na capital, o departamento mais importante, de maior população do Uruguai, começa a se perceber políticas específicas a nível dessa estrutura.

DAISY TOURNÉ

Eu entrei a primeira vez em 1995 por cota, não tenho nenhuma vergonha, nenhuma, porque lutei por ela dentro do meu Partido onde passei muito esforço.

NIKI JOHNSON

No Uruguai, o primeiro projeto da Lei de Cotas se apresentou em 1988, apenas quatro anos após o fim da ditadura e uma das razões para apresentar o projeto nesse momento Era que no primeiro Parlamento eleito após ditadura não havia nenhuma legisladora titular mulher. Mas a Lei de Cotas uruguia é muito particular, a lei aprovada estabelece que a cota se aplica como uma medida permanente somente para as eleições internas, pois para as eleições nacionais e departamentais aplica-se unicamente para o atual ciclo de eleições. Em 2007 fizemos uma enquete, perguntando a opinião da população uruguia sobre o número de mulheres que havia no Parlamento e mais de 60% disseram que deveriam ser mais. A população não só espera ver ou ter como representantes às pessoas que compartilham suas ideias ou ideologias, ou ainda pessoas com as quais se identificassem. Há poucas mulheres e eu quero ser representada por uma mulher. Quando olhamos para o outro lado, o que faziam as mulheres no Parlamento, descobrimos que elas discutiam muito mais do que os homens, as questões referentes às mulheres.

MARIANA GONZÁLEZ GUYER

O assunto da violência contra as mulheres e o assunto do aborto foram questões que começaram a ser debatidas aos finais dos anos 90 e que ainda são. Uma das leis importantes é a Lei de Interrupção

Voluntária da Gravidez, que teve um antecedente, uma lei que foi votada no primeiro Governo do Partido Frente Amplia, sobre direitos sexuais e reprodutivos, incluindo a despenalização do aborto. Essa lei foi vetada pelo então Presidente, Doutor Tabaré Vázquez, é um fato histórico sem precedentes em nosso país, onde o poder Executivo jamais vetou uma lei, isso não é comum em nosso país.

TV

Em novembro de 2008 a Câmara de Senadores sancionava a Lei sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos com 17 votos Frente Amplitas a favor e 13 contra.

MARGARITA PERCOVICH

O projeto chegava à Câmara Alta com a ameaça de excomunhão da Igreja Católica, com a advertência do veto do então Presidente Tabaré Vázquez. No Uruguai tradicionalmente se regulamentou o aborto, isso nunca se comenta, Uruguai é um país muito hipócrita nesse sentido porque tem sido tradicionalmente laico, mas tem uma moral muito cristã e católica, eu diria que é um país maçom e católico. O sistema político é muito hipócrita nesse sentido porque é masculino e tem essa tradição, mas mesmo antes da aparição dos anticoncepcionais, minha família, minhas tias, as mulheres ao redor, todas abortavam e era o mais natural do mundo. Desde o primeiro governo democrático houve tentativas de regularizar essa hipocrisia e teve projetos de lei que nunca foram votados, então quando venceu o Frente Amplio, o primeiro que fizemos foi reapresentar o projeto e como éramos maioria, além de saber que o presidente não concordava, porque era médico, tradicional, não concordava com o aborto, mesmo assim as legisladoras do Frente disseram para as nossas bancadas, tanto Deputados quanto Senadores, que íamos apresentar o projeto.

MARIANA GONZÁLEZ GUYER

Isso trouxe uma desmobilização, certo desconcerto, mas rapidamente voltamos a conjugar forças. São importantes alguns elementos. Finalmente a Lei da Interrupção Voluntária da Gravidez se votou, foi aprovada no segundo período do Frente na Presidência, com José Mujica e de algum jeito começam a se juntar fenômenos. Votou-se uma lei, a lei de concubinato onde se reconhecia o concubinato entre pessoas do mesmo sexo, logo uma lei que legitima a mudança de identidade e depois o matrimônio igualitário. O movimento da diversidade começa a assumir um discurso que de algum jeito, após várias décadas de acordos e desacordos com movimento feminista no final do século XX, de algum jeito fazem um clic de união onde ambos os movimentos ganharam, porque todo o movimento da diversidade começa a assumir um quadro teórico e um discurso de direitos que o fez ganharem uma legitimidade argumentativa.

TV

71 de 92 afirmativo.

ALDO MARCHESI

No caso dos movimentos homossexuais, também estão ligados a movimentos que surgiram nos anos 80, no contexto da transição, como parte de uma expansão da discussão sobre democracia, onde pela primeira vez aparecem movimentos de homossexuais que exigem que seus direitos e reconhecimento estejam contidos nessa democracia.

Esses movimentos foram se fortalecendo, migrando e atualmente o movimento mais forte nesse âmbito é Ovelhas Negras, que tem algumas alianças com a esquerda, mas mantém uma autonomia importante.

DIEGO SEMPOL

Eu participei de várias organizações da diversidade sexual e resolvi me afastar desses espaços porque não me convenciam as formas de trabalhar. Aqui o movimento das organizações LGBT dos anos 90 estavam concentrados na questão da identidade, faziam reivindicações sobre o que é ser gay, ser lésbica ou ser trans, só se preocupavam sobre esses assuntos e não sobre outros problemas. Outro problema que eu encontrava era que essas organizações reproduziam as formas tradicionais de liderança, um tipo de liderança que não contribuía ao crescimento do movimento, não permitia a discussão e nem gerar uma oposição crítica por parte dos envolvidos no processo. Então em dezembro de 2004 fundamos o Coletivo Ovelhas Negras que tenta gerar espaços coletivos e discussões que permitam a apropriação de diferentes indivíduos com percursos muitos heterogêneos no sentido acadêmico, geográfico ou de experiências de vida.

FEDERICO GRAÑA

Eu acho que o centro para entender como funciona é ver como analisa a realidade como ponto de partida, analisar a realidade, não só o assunto da diversidade sexual, ou ainda vendo como interage com o que podemos chamar cortes de discriminação ou cortes de exclusão como são o gênero, a classe social, raça, etnia e obviamente a orientação sexual e nos ajudou a gerar um quadro de alianças mais amplo e obviamente permitiu que o nosso discurso permeasse mais pessoas da sociedade. Fizemos alianças com o movimento feminista no Uruguai, com o movimento Afro no Uruguai, com o movimento de regulamentação da cannabis no Uruguai, isso nos permitiu chamar uma quantidade de pessoas que acredito que hoje sem arriscar muito, a maioria das pessoas que participa nas marchas da diversidade sexual, maioritariamente são heterossexuais, mais do que gays, lésbicas ou trans e que tem a ver com o conceito de construir uma sociedade mais ampla, mais democrática.

DIEGO SEMPOL

É uma atenção que temos que manter permanentemente, eu digo que a palavra gay, a palavra trans, a palavra lésbica pode ser útil politicamente na convocatória para a construção de uma agenda específica, contingente problemática, mas ao mesmo tempo devemos nos esforçar para superá-la para compreender quem são excluídos dessa agenda que é uma pergunta que devemos estar fazendo o tempo todo, e para entender que para que a sociedade mude nós devemos transcender nossa própria identidade social para gerar uma agenda política numa questão que seja de todos e todas. Se eu consigo que todos: heterossexuais, gays, lésbicas, trans, discutam a agenda que é do meu interesse, eu tenho mais possibilidades de avançar com ela.

MARIANA GONZÁLEZ GUYER

Lembremos que este processo acontece junto com as mudanças na normativa internacional de direitos humanos, que não se pode ignorar. Todas as mudanças nos conceitos de diversidade e reconhecimento que se dão nas organizações internacionais são ratificados no Uruguai rapidamente, Então isso fornece argumentos para o fortalecimento dos movimentos. Talvez a questão onde o Uruguai avance mais do que o discurso internacional é o cannabis.

JULIO CALZADA

Eu acho que há cerca de dez anos, doze, quatorze anos, no Uruguai não se discute mais que o problema das drogas seja um problema de saúde pública. Este é um processo longo que se inicia no ano de 2000, 2001 quando começam a surgir movimentos sociais de outro tipo, diferentes, que são os movimentos cannabicos. Eles são grupos de jovens, adolescentes, que começaram a reivindicar o direito a consumir e a acessar legalmente ao cannabis e começam a fazer atos de consumo em público.

Esse movimento foi interessando aos partidos políticos e as estruturas mais tradicionais dos movimentos sociais. Ele se desenvolve até o ano 2010, onde se apresentam no Parlamento dois projetos de lei que têm o respaldo dos quatro partidos com representação parlamentar, uma expressão da vontade de setores de todos os partidos com representação parlamentar de modificar a política de drogas.

TV

O Senado ingressa à discussão...

Com esta votação o Uruguai se põe à vanguarda do mundo. Com a maioria oficialista, o Senado aprovou essa terça-feira a lei que regulamenta a produção e venda de maconha sob controle do Governo.

ALBERTO COURIEL NA TV

Isso se inscreve na lei de despenalização do aborto, do matrimônio igualitário e muitas leis que temos votado para avançar no intuito de excluir todo tipo de discriminação.

JULIO CALZADA

Nesse momento acontece um fenômeno que podemos chamar de não típico para a reflexão política que a esquerda fazia sobre a criminalidade e a violência. Nós falávamos que os fenômenos de criminalidade e violência eram de algum jeito dependentes das situações de pobreza e marginalização, sobretudo pobreza, então na medida em que fosse construída uma sociedade mais igualitária, mais unida, com menos desigualdades sociais, com menos pobreza, naturalmente a violência ia decrescer. Ai é quando o Poder Executivo fez uma reflexão global sobre esse assunto, baseado também numa discussão internacional sobre o assunto das novas formas de regulamentação.

A regulamentação significa ordenar o mercado que é um mercado negro, totalmente desregulamentado, o Governo não tem nenhum tipo de intervenção, na produção, nem na distribuição, nem na entrega. Então temos um problema de incongruência jurídica, um problema de saúde pública e um problema de narcotráfico. A lei conceptualmente tenta resolver esses três problemas de uma vez. Ela dá oportunidades aos usuários para acessar legalmente à maconha em três formas: que é o auto-cultivo de até 6 plantas, uma parceria com mais outros 45 usuários ou mais, criando clubes de filiação ou comprar maconha pelo sistema de farmácias. Isto procura contribuir e dar melhores níveis de saúde porque as pessoas vão poder ir a um lugar e comprar um produto de boa qualidade. Esse lugar é um lugar seguro, porém estamos desvinculando os usuários do círculo vicioso da criminalidade e gerando um mecanismo econômico para o combate do narcotráfico. O narcotráfico é conceptualmente um assunto meramente econômico. Ninguém está ligado ao narcotráfico por uma questão de ideais, não tem uma ideologia de esquerda, centro, ou de direita.

TV

Qual é a vantagem de comprar maconha em farmácias?

Não ir em lugares perigosos, na noite, onde te impõem outras leis, assim ir com as contas claras é muito melhor para todos.

Isto vai diminuir a violência na rua e diminuir os suicídios.

Estamos bem, saindo da previsão, favorecer o mercado negro não está bem. Acho que é uma boa lei.

JULIO CALZADA

Existem muitas dificuldades, segundo as enquetes de opinião pública não há uma maioria a favor, nós achamos que a política tem a função de mudar critérios e por isso insistimos com nossa proposta e a gente progressivamente vai compreender que essa não é uma lei que liberalize o mercado, que quebre todas as possibilidades de controle, senão que é uma política que tenta regulamentar uma realidade que não podia se modificar de outro jeito.

ALDO MARCHESI

Nessa abertura há um elemento interessante e é que forma parte da nossa identidade nacional, o fato de querer se mostrar para o exterior como um país avançado. Acontece algo até engraçado, há muita gente que está contra essas leis, mas gosta que falem do Uruguai no mundo, essa questão contraditória é um elemento relativamente constitutivo da nossa identidade. Há pessoas que têm uma visão homofóbica, mas ao mesmo tempo gosta de viajar pelo mundo e dizer somos um país avançado. Há toda uma ideia de um país modelo num contexto global, que é uma coisa que o uruguaio gosta, e ajuda a criar uma proposta política.

CECILIA TEMPONI

É o meu trabalho como uruguaia ver as coisas desde outra perspectiva, a partir deste lugar do mundo e nesse sentido eu acho que é bom reconhecer o avanço, o benefício de algumas leis, mas também é bom pensar ou refletir sobre como essas leis são aplicadas ou não na vida cotidiana das pessoas que moram aqui e qual é o impacto delas na cotidianidade. Há algumas coisas que as leis dizem e que não são exatamente o que está sendo proposto no início, por exemplo, com a lei do aborto, para conseguir a interrupção da gravidez, a mulher tem que passar por muitos testes como se fosse um ser que não é ciente, então é interessante questionar o lugar onde a lei coloca às mulheres, o lugar onde a lei coloca nosso corpo, quem está pensando quem somos e nesse sentido continuar debatendo o sentido da lei e o sentido de conseguir decidir sobre o nosso corpo que é o que nos interessa no final.

TV

O Congresso uruguaio aprovou hoje uma lei que despenaliza o aborto até a semana 12 de gestação por decisão unilateral da mulher e sob supervisão do Governo e cumprindo com alguns requisitos e prazos. A decisão se resolveu com 17 votos a favor e 14 contra.

LILIAN ABRACINSKAS

Não sei se vocês conhecem, mas a lei explica que se pode acessar ao aborto legal até as 12 semanas de gestação,

Até 12 semanas, depois disso não pode. A legalidade é até as 12 semanas.

Até as 12 semanas, poderia ser até 14 se a gravidez fosse produto de um estupro e sem prazo se a gravidez põe em risco a saúde ou a vida da mulher ou o feto tivesse uma malformação fetal incompatível com a vida. Essas são as condições e os prazos. E logo as condições do trâmite sanitário

são um pouco mais complicadas. A mulher tem que ir a três consultas, a mulher que enfrenta uma gravidez indesejada tem que consultar um ginecologista, um psicólogo e um assistente social para dizer as razões pelas quais deseja interromper a gravidez. Essa equipe profissional tem que informar as mulheres sobre políticas públicas de apoio à maternidade, políticas e opções de adoção para esse bebê que está se formando ou riscos que podem estar associados com o aborto. Esse é o problema da lei, a intenção que ficou é que foi feita para desestimular as mulheres a abortar, ou seja, a intenção do legislativo é fazer as mulheres passarem por muitas barreiras sanitárias antes de fazer a interrupção e também deve ter cinco dias de reflexão prévios para decidir, ou seja, o Legislativo opta por vigiar a

decisão da mulher porque entre outras coisas não reconhece que as mulheres são sujeitos éticos capazes de tomar decisões responsáveis. Essa é a nossa principal desconformidade com o projeto de lei.

É importante como conseguimos o acordo entre diferentes forças sociais, a campanha do aborto no Uruguai foi baseada em quatro pontos fundamentais: um deles é o óbvio da saúde, que o aborto clandestino e o aborto inseguro era um problema de saúde pública, o segundo foi que era um problema de direitos, que cada pessoa, cada casal tem o direito de decidir número e espaçamento dos seus filhos, e que é algo que deve ser feito com total liberdade, porque trazer um filho ao mundo é um ato de profunda e deve ser um ato de profunda responsabilidade, terceiro que legalizar o aborto não impõe a prática do aborto, senão que promove que todas as meninas e as meninas que nascem sejam filhos desejados e o quarto era uma qualidade democrática, como sociedade temos que aprender a viver que em muitos assuntos não há verdades únicas, e que no terreno da filosofia, dos sistemas de crenças, e das ideologias, temos que aprender a conviver pacificamente com essa multiplicidade de crenças.

JOSÉ MUJICA

Acredito que ninguém pode apoiar o aborto por uma questão de princípios, mas há muitas mulheres em qualquer sociedade que se veem na posição de ter que tomar essa decisão de qualquer jeito, e essas mulheres vivem na clandestinidade e põem em risco suas vidas, tomam decisões além das discussões e os princípios que possam ter políticos e filósofos, tomam decisões, e bom... e ali têm vidas que se perdem, eu acredito que reconhecer a existência desse fato, botar a questão em cima da mesa nos dá a oportunidade de agir persuasivamente sobre as decisões dessas mulheres, e se houver uma questão econômica, de solidão, de angústias, os fatos demonstram que muitas mulheres retrocedem e podem se salvar mais vidas. O outro é deixá-las isoladas no meio dos seus dramas, eu acho que isso é hipócrita.

RODRIGO BORDA

A lei de matrimônio no Uruguai, a atual lei, é uma lei geral para todos os cidadãos uruguaios, não existe uma lei para gays e uma lei para héteros, existe uma lei sem gênero, que diz que dois cidadãos se não estiverem casados podem se casar, se são maiores de idade, mas não fala de gênero. Isso deveria ser trasladado às outras leis, que não existem leis de gênero.

Quando começou a se tratar a lei do matrimônio e nós começamos a seguir o assunto, um dia nós dissemos que estaria bom se fosse aprovada a lei, casarmos para celebrar a obtenção do direito, é um direito importante para nós, então é mais um jeito de celebrar do que um desejo de nos casar.

SERGIO MIRANDA

Importava-nos o fato de que se aprovasse a lei, obviamente seguimos todo o processo da lei, foi um processo longo no Parlamento e nos interessava que a lei fosse aprovada e tivesse um efeito imediato, então alguns amigos parlamentários disseram: bom, e agora que tem lei, o que vão fazer.

RODRIGO BORDA

Como notícia, a aprovação da lei e os matrimônios foi um acontecimento que celebrou a sociedade toda, não foi uma coisa apenas para a comunidade gay. A maioria das pessoas que vieram para nos parabenizar não eram precisamente gays, eu acho que a comunidade está formada pelos entornos além das pessoas gays, acho que as pessoas que gostaram mais, que falaram conosco disso, foram as famílias.

SERGIO MIRANDA

Ainda falta muito, não é que agora acabou o assunto, há muitos setores marginalizados e excluídos, muita gente, todas as pessoas trans desse país. Agora que esse assunto do matrimônio igualitário está resolvido é o momento de que outras pessoas do coletivo LGBT sejam a prioridade, o foco de atenção.

RODRIGO BORDA

Não é o mesmo ser gay nos bairros de beira-mar de Montevideú do que ser gay num povo do interior, ainda não. Então imagina o que significa ser trans no centro de Montevideú e ser uma pessoa trans na periferia ou interior.

MICHELLE SUAREZ

O apoio familiar que eu recebi no final da infância, na adolescência e na minha juventude, eu acho que foi sempre o elemento decisivo para que a minha vida tivesse um caminho muito diferente do que transitam o 99% das mulheres trans no Uruguai. As histórias das mulheres trans, além de que todas somos distintas de lugares diferentes, de classes sociais diferentes, temos corpos distintos, jeitos de pensar e sentir distintos embora pareçam recortados com a mesma tesoura, ou seja, sendo muito novos, a nossa identidade se quebra de um jeito abrupto e nos apresentamos diante do mundo com uma identidade feminina, com um nome feminino, com uma aparência feminina, isso traz uma punição social muito forte e um abandono por parte da família que geralmente é afetivo, material e acompanhado do descaso absoluto, te deixa literalmente na rua. Quase todas as amostras de violência, as mais exacerbadas, que geralmente são classificadas numa grande expressão como a transfobia e que se manifesta através de ações de violência física ou de violência moral, geralmente são uma expressão ou tem atrás um fundamentalismo e geralmente o fundamentalismo é uma leitura da sociedade totalmente unidirecional.

TV ENTREVISTA MULHER TRANS

Quando cursava o quarto ano do colégio, lembro que um dia a professora chamou a minha mãe e disse para ela que eu tinha características afeminadas quando ia escrever no quadro e que devia ir ao psicólogo. Eu tinha só 10 anos, ainda não sabia que iria virar uma mulher trans.

MICHELLE SUAREZ

Os direitos humanos não se defendem desde a prevenção e a consagração ou ainda desde a proteção. Quando uma norma, um direito fundamental foi violado, o sistema deve ter uma reação de proteção às vítimas, de ressarcimento, uma vez que o direito foi violado e as outras fases de defesa do direito da vítima também foram. Nós não o temos, porém notamos o enorme vazio institucional e legal que há nesta área desde o direito civil, porque os problemas que temos, a maioria, não são problemas de discriminação do tipo penal senão que são, por exemplo, assédio laboral, situações de exclusão nos sistemas de seleção de pessoal, situações de exclusão ou de discriminação em lugares de recreação: restaurantes, boates, bares, etc. Quando existem grupos que historicamente são vulneráveis, isso também demonstra em que sociedade vivemos, eu considero que a mensagem seria que todos tentemos pensar nesta ideia inclusiva da sociedade e que todos façamos um *mea culpa* pelas coisas ruins da nossa sociedade nas quais temos sido cúmplice.

JORGE SCHELLEMBERG

O Uruguai se orgulha de não ser um país racista, mas tem muito racismo oculto. Eu sugiro ir em qualquer bairro, qualquer restaurante de médio para cima e ver quantos afrodescendentes trabalham na atenção ao público.

ENTREVISTADOR

Onde estamos agora?

Em Bairro Sul e Palermo, berço do candombe. Meus irmãos saem, tocam o tambor. Os blocos de bairro saem pelo bairro e as pessoas saem para olhar.

Tu tem que fazer uma tatuagem de tambores como essa. É como o Peñarol, um sentimento, Está no sangue do uruguaio, o verdadeiro uruguaio sente o tambor.

JORGE SCHELLEMBERG

O candombe é a música que os descendentes dos africanos e os africanos desenvolveram aqui no Uruguai. É primeiro um tipo de música feita na clandestinidade. No ano 1857 o Cabildo de Montevideú que era a autoridade, o Parlamento que seguia o Vice Rei, disse que autorizava aos negros a realizar suas celebrações.

ALDO RODRIGUEZ

O assunto da cultura do candombe nasceu aqui no Bairro Sul e Palermo, nos tempos dos Conventillo, Os Conventillo de Alcina que são as casas daqui perto que estão sendo reformadas, não eram assim como estão agora, foram reformadas, e ai foi onde nasceu o candombe.

EL CIRUJA

Eu nasci aqui. Antes era um portão assim e aqui brincávamos, aqui havia um apoio de madeira, então quando devia passar assim para aqui e logo via o pátio, tinha piso duplo, então você subia uma escadinha e depois mais uma e tudo era assim grande, mas nada a ver com isto. Isto é uma reforma que eu não compreendo; E eu sei que isto é meu patrimônio porque eu nasci aqui.

MULHER

Quando os tambores saem, seja o dia que for, não há um dia que não desçamos para saudar ou seja, é a referência do nosso bairro, vamos até a porta do Meio Mundo, tocamos então a vizinhança, coitados, o Meio Mundo era um casarão com 56 habitações, tinha um poço, oito tinas grandes, dois andares com duas pequenas escadas de acesso ao segundo piso e quatro banheiros, todos eram família. Chamávamos de Meio Mundo e era realmente um mundo inteiro, uma família ai dentro onde as festas, os aniversários... se curtiam na época princípios e valores que hoje estão se perdendo, por isso hoje estamos fazendo esse empreendimento na zona. Por ter nascido no Meio Mundo e ser despejada em 1978, em 3 de dezembro, eu tive muitas etapas na minha vida, mas essa me marcou pelo que significa ser despejada. Obviamente estávamos em plena ditadura, o que aconteceu foi que a ditadura não gostava que houvesse muitas pessoas concentradas.

JORGE SCHELLEMBERG

A ditadura quebrou os Conventillo e hospedou os moradores em lugares distintos, Foi terrível, foi uma vexação superlativa. Eles tinham razão, o prédio estava destruído, mas era um prédio para ser recuperado, para que fosse um monumento histórico vivo. Há uma ida e volta, uma retroalimentação. A música se transforma, durante a ditadura militar em uma dura resistência contra a ditadura.

## LOBO NÚÑEZ

Os militares se enganaram porque quiseram matar as tradições e o que conseguiram foi engrandecê-las mais. Se antes tocavam cem pessoas o tambor, agora são cem milhões, toca o povo inteiro. Apesar de sermos um povo pequeno a ditadura não pôde contra a gente, nos dominou por um tempo, e logo o canto popular os criticava o tempo todo através da música.

Todos os nascidos no bairro sentimos os tambores desde a barriga das nossas mães e instintivamente já tocávamos o tambor desde crianças porque é uma forma de nos divertirmos juntos.

Quando eu era criança não existiam instrumentos de candombe para crianças, meu instrumento era uma lata de doce. Os tambores originais eram troncos de árvores com buracos, de fato a flora nativa daqui não nos permitiu continuar fazendo porque não havia árvores, depois de muito tempo tivemos que construir nossos tambores utilizando barris. Essa é minha oficina. Afinamos com calor, porque as vezes os tambores não têm tensores mecânicos, estão pregados e também as vezes é uma intenção para se juntar antes, na pré, antes de tocar, se juntam as pessoas curtem, tomam uma cerveja, um vinho, e depois tocam.

Mantivemos a relação nos tamanhos, na corda, são o chico, repique e piano. Cada um deles tem uma forma, um tamanho e uma frase, e uma voz diferente e os três formam o ritmo que é o candombe. O chico tem sua frase e sua voz que é assim. O piano soa assim. Depois temos o repique, que é esse, e o som é um pouco mais curto, é o tambor que tem mais síncope, ele usa muito da inspiração daquele que bate nele e aquele que mais improvisa, mas também tem uma frase fixa que é essa.

É uma tradição que atualmente é interpretada por toda coletividade. Não é preciso que seja africano. Hoje é da sociedade inteira.

## CLAUDIO FERNÁNDEZ

Entendemos o problema do que apresentam o que é o candombe em um contexto sociológico, em um contexto histórico, em um contexto social além da expressão artística e da parte musical propriamente. O que é o que os identifica, que é algo comum em eles, que é de eles, isso é o candombe. A energia interna da pessoa se acrescenta, termina de tocar e estás carregado, recarregado e é uma descarga para outros assuntos pessoais, podes estar complicado com muitas coisas, mas de repente começa a tocar e estás em um trance de tocar e termina de tocar e estás com uma energia boa.

## LOBO NÚÑEZ

Quando toco estou em um estado diferente, me sinto um negão de quatro metros de altura por três de largura. E com uma energia diferente. Tocar tambor é enorme. Fazer o instrumento é um dom dos meus ancestrais que eu carrego com muito orgulho.

## CLAUDIO FERNÁNDEZ

É uma resistência, considero que é uma resistência que faz parte da idiosincrasia da estrutura político dentro do que é a estrutura política do Uruguai, nossa forma de vida, parte do somos nós, um pequeno país, um pequeno grupo, sempre com muita tenacidade, com muito amor próprio, estamos acostumados a dar o melhor de nós e a candombe tira de nós algo muito visceral.

## JORGE SCHELLEMBERG

O candombe sempre foi basicamente um grito de resistência de todo o setor, por isso é lógico que seja visto com muitas reservas, a massificação, é lindo e é bom sentir que a música é tocada por todas

as pessoas. Por outro lado há um candombe antigo e muito famoso Com uma frase que diz que “o candombe é dos negros, mas curtem dele os outros”.

EL CIRUJA

A base do candombe vem do coração. São coisas que...são nossas raízes, nossa realidade. O racismo é feito pelas pessoas. Aqui havia gente de todas as raças: paraguaios, peruanos, argentinos, curtimos todos. Então, vamos, não é radical, quem quere faz. Há racismo? Há, mas eu não me importo com isso, porque eu nasci aqui, aqui nasci eu.

CHABELA RAMÍREZ

Já qué falamos de uma cultura viva não queremos que se folclorize o candombe porque seria sua morte, leva-lo de volta ao colonialismo, não queremos nada disso, se a sociedade uruguaia está em um processo de justiça, de democracia, dentro de um tempo, sei lá quando, mas quando nós encontrarmos de novo espero ter melhores notícias para vocês.

GLORIA RODRÍGUEZ

Já conseguimos o reconhecimento de que o Uruguai é um país que discrimina e essa realidade se evidenciou na lei 19122. A lei 19122 reconhece o racismo no Uruguai, reconhece a discriminação, por isso se chama lei de ações afirmativas.

LETICIA RODRÍGUEZ

Nós, em nossa posição de descendentes de escravos promovemos direitos porque ainda não existe igualdade, porque ainda acontece com qualquer criança na escola, ou afrodescendente, as mesmas coisas que aconteciam com nossos avós. Por isso é importante trabalhar desde as crianças contra as particularidades que geram os fenômenos socioculturais, como por exemplo o racismo e as coisas políticas, as articulações que existem e as desarticulações que também hoje os diferentes grupos pelo mundo estamos tentando trabalhar.

CLAUDIO FERNÁNDEZ

Obviamente acho que não há nenhum tipo de sentimento, não se pode amar o candombe sem entender o sentimento de solidariedade racial, sem entender que devemos ser solidários com todas as injustiças que aconteceram com a comunidade negra durante nossa história, é impossível amar isto sem ter uma afinidade total com a raça.

MARIANE GARCIA

Como mulheres temos muitas oportunidades, nós como mulheres negras também porque somos as duas condições, mulheres e negras, então nada é fácil, mas vamos a progresso, há leis como a Lei de Equidade Racial, como há outras mulheres que são negras que podem cumprir outras funções que não sejam de limpeza como sempre estiveram acostumadas as mulheres negras do país, nós podemos ser médicas, enfermeiras, advogadas, presidentes e bom, é importante para nós, Eu acredito que Mujica deu um passo importante na equidade racial e na equidade da mulher principalmente.

CECILIA TEMPONI

Eu acho que nesse momento o debate e o que merece continuar sendo debatido é o jeito de entender a democracia e de outros jeitos de democracia possíveis. Então acho que os jovens devem pensar a democracia que estamos vivendo e ir além de travas e obstáculos que têm a ver com uma burocracia demasiado representativa e não participativa, uma democracia onde tudo vai para um Parlamento e

não chega à população diretamente, então aí acho que temos um caminho para continuar e que isto está acontecendo em outros lugares. Acho que os jovens devem assumir esse lugar histórico com tudo que devemos aprender e continuar fazendo, conquistando outros jeitos possíveis de democracia, um mundo mais igualitário, mais livre, mais justo e seguir gerando lutas com alegria, música de tambor, candombe dizem aqui, continuar fazendo barulho e gritando desde jovens para transformar.

MICHELLE SUÁREZ

Nós temos que dizer que às vezes temos um grande problema, criamos leis e depois as abandonamos, e com isso quero dizer que temos que ser responsáveis pelas normas que criamos, temos que monitorar sua aplicação e avaliar se funcionam como esperávamos se não devem modificar se temos as condições materiais para que a norma seja sucedida como esperamos e se temos população, população objetiva, que verdadeiramente esteja preparada para exercer os direitos, primeiro que conheça, segundo que queira exercer e terceiro que existam vias para que eles possam ser exercidos, eu acredito que todas as normas, os avanços institucionais, de forma indireta não afetam os envolvidos senão os indiretamente envolvidos, isso tem a ver com que cada vez que se aprova uma norma sobre a diversidade sexual se instala um debate paralelo ou subjacente que não tem a ver diretamente com o assunto específico e sim com um assunto mais amplo que é o tipo de sociedade onde queremos viver porque inclusive isso tem a ver com a sociedade que queremos para os nossos filhos. Obviamente não significa que não haja discriminação, significa que para mim tem havido uma mudança de sensibilidade social.

MARIANA GONZÁLEZ GUYER

Avançamos muito nos últimos 30 anos, muito, ainda temos muitas dificuldades, mas os avanços são inacreditáveis. Em toda a nossa velocidade, as raízes são muito fracas em alguns casos, você pode olhar os dados e exceto setores muito pequenos, muito educados, jovens, onde a divisão sexual do trabalho doméstico deixou de existir, compartilham igualmente a criança, os deveres reprodutivos e os deveres profissionais, eles são isto, mas a maioria das casas uruguaias mantém a divisão tradicional embora as mulheres compartilhem os deveres profissionais fazendo tudo o que devem fazer em nosso papel mais tradicional e clássico, então para ter raízes fortes, para mudar a vida das pessoas ainda falta muito e não sei como agir porque o sistema patriarcal é um sistema muito forte, com muita história, muito presente, que vem junto com o capitalismo e estão juntos, unidos, não é fácil avançar em muitos pontos, depois encontramos freios na realidade das leis.